



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**O FOLHETIM EM MEIO AO JORNAL: ALGUMAS OBSERVAÇÕES
SOBRE AS POSSIBILIDADES DE RECEPÇÃO DO ROMANCE
HELENA (1876), DE MACHADO DE ASSIS, ATRAVÉS DAS
PÁGINAS DO GLOBO**

Priscila Salvaia*

Entre os meses de agosto e setembro de 1876, diariamente, no rodapé do jornal fluminense *O Globo*, vinham publicados os capítulos do romance *Helena*, este que seria editado pela Garnier ao final daquele mesmo ano. Assim, de maneira fragmentada, o público acompanhou o folhetim nas páginas de um periódico relativamente recente, mas que nascera com ímpetos de adentrar ao circuito de uma imprensa pujante e com ares de modernidade.

Inaugurado em 1874, e de propriedade de uma associação anônima, é comum encontrarmos estudos que associem *O Globo* a um ideário estritamente republicano. De fato, há informações de que Quintino Bocaiúva era um de seus principais editores, porém, dedicando-nos a uma leitura mais minuciosa do jornal, tornou-se possível ampliarmos nossa percepção acerca dos ideários que o tonalizavam.

Pensando em economia, sem dúvidas, estávamos diante de uma folha de teor liberal. Se pensarmos em popularidade, podemos dizer que, em seus inícios, não havia nenhum tipo de concessão, em termos formais, ao público leitor, porém, com tempo, os

* Priscila Salvaia é doutoranda em Teoria e História Literária, no Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas-SP (IEL/UNICAMP).

preços baixam e a linguagem também se torna cada vez mais acessível. Quanto a uma identificável roupagem moderna, pode-se afirmar que o discurso progressista sempre fora uma constante entre os editores do jornal desde sua fundação.

Isto posto, em suas páginas, nos deparamos com um noticiário ligado especialmente ao mundo do trabalho e da economia, tudo isso contemplado de maneira não restrita somente ao cenário do Rio de Janeiro, pelo contrário, pois, como o título sugere, *O Globo* tinha a intenção de abarcar o mundo todo. Dito isto, elencamos mais uma característica importante deste jornal: seu teor internacionalista.

E nesse quesito, há algumas referências constantes aos editais e seções noticiosas do jornal. Por exemplo, a França sempre aparecia como exemplo importantíssimo quando o assunto era artístico e/ou político; a Inglaterra configurava-se como um norte, especialmente quando o mote da nota jornalística era sobre tecnologia industrial ou sobre o cotidiano do operariado; numa realidade um pouco mais próxima, os norte-americanos também apareciam como referência, e de maneira específica quando o assunto era um sistema econômico exemplarmente liberal.

Dessa maneira, advogando para si um discurso tão claramente globalizante e moderno, muitas vezes os editores do *Globo* encontravam-se em situações difíceis ou, no mínimo, contraditórias, uma vez que, para além dos avanços na vida produtiva, nas últimas décadas do século XIX, tais nações também passavam por mudanças de caráter social que, se não estarreciam, ao menos eram passíveis de surpreender aqueles que se encontravam em terras brasileiras. Portanto, essas notas que eram colhidas em jornais estrangeiros ou enviadas por correspondentes radicados no exterior, também versavam sobre outros assuntos e, um dos temas mais recorrentes, era a inserção da mulher na sociedade. Abaixo observamos um texto que trata do cotidiano das estadunidenses nos espaços públicos:

Será conveniente que os visitantes estrangeiros que afluírem à nossa cidade no próximo verão fiquem sabendo que as condições sociais não são sempre equivalentes às do antigo continente. As mulheres americanas têm, e desde muito tempo, o costume de andar sós pelas ruas, quando vão a negócio ou a passeio. Que os visitantes do continente admitam como axioma que as senhoras da Filadélfia, Nova Iorque ou Cincinnati, não têm necessidade de escolta ou de proteção de um pajem ou de um amigo quando querem sair.

[...] a moda começou talvez durante a guerra, quando as mulheres tinham necessidade de ser elas próprias portadoras de suas cartas ao correio e a pagar suas contas; comprar *extras* nos caminhos, e ir ao encontro dos trens de ferro que chegavam à meia-noite, na esperança de

encontrar seus parentes. Parece-nos, porém, que devemos algumas explicações aos nossos hóspedes. Em Filadélfia que já se torna uma cidade poliglota, duas senhoras que passavam à tarde por uma rua tranquila, foram cumprimentadas de modo muito familiar por um estrangeiro.

Muito incomodadas com isto, pediram a um gentleman que passava o favor de tirá-las daquela tão embaraçosa situação.

O gentleman, interpelando bruscamente o ofensor, perguntou-lhe como se atrevia ele a faltar assim ao respeito a essas *ladies*.

Ladies, meu Deus! replicou ele. Não são de certo, senhor. As ladies não percorrem sozinhas as ruas à semelhante hora.

Uma palavra de aviso será suficiente aos visitantes de bom senso.

Talvez seja preciso uma lição mais severa para fazer compreender que neste país as ladies saem quando bem lhes apraz, apoiando-se apenas no respeito leal dos americanos, não menos que em sua dignidade e boa educação.¹

São muitos os fatores que explicam os caminhos trilhados pelas mulheres estadunidenses até a inserção na esfera pública. Na perspectiva de uma historiografia mais tradicional, são comuns as leituras baseadas nos conflitos ocorridos durante a Guerra Civil (1861-1865), que terminariam por revelar um cotidiano de mulheres solitárias, que não tinham outra opção além de procurar meios próprios de sobrevivência. Talvez daí os referidos sentimentos de tolerância para com essas viúvas e órfãs que, forçosamente sós, faziam-se notáveis no cotidiano das ruas. Utilizando-se de argumentos que também confluem para a questão da Guerra, são frequentes as interpretações que associam a abolição da escravidão ao despertar de uma chamada “consciência feminista”. Nesse caso, são consideradas as inter-relações dos grupos abolicionistas formados por mulheres que, envolvidas nas reivindicações pela liberdade dos negros, acabavam tomando consciência do próprio estado de submissão.

Todavia, constatando-se que os interlocutores e interlocutoras do jornal eram, em sua maioria, de origem brasileira, é interessante esclarecer que, em vários momentos, os redatores do periódico viam-se na obrigação de conjecturar a possibilidade de importação desses novos ideários para a realidade do nosso país. No próximo exemplo, é possível observar uma abordagem do tema da educação feminina, novamente no contexto

História Cultural

¹ “Centenário Americano: Exposição de Philadelphia (Do Courier des Etats-Unis).” *O Globo*, 19 de julho de 1876, p.1.

dos avanços feministas nos EUA, mas, desta vez, evidencia-se também a proposta de um certo exercício de alteridade:

[...] O papel da mulher na sociedade está naturalmente traçado: é serem mães de família e inspirarem os sentimentos nobres e grandes a seus filhos e às crianças, cuja direção lhes é confiada.

Não aceitamos nem as ideias de uma certa escola americana, que prega a emancipação da mulher sob um ponto de vista especial, nem as teorias do grande Stuart Mill, que queria pudessem elas tomar parte até nas questões políticas, tendo o direito de votar e serem eleitas.

Por ora, enquanto a sociedade não atingir a esse ideal de perfeição sonhado por certa escola filosófica, achamos que não pode haver mais nobre papel para a mulher, que o de educar seus filhos, e inspirar-lhes sentimentos puros.

Para a mulher poder, porém, satisfazer aquele importante papel, é preciso seja ela educada e instruída.

É justamente essa a maior dificuldade que encontramos no Brasil.

Queremos a liberdade do ensino, como queremos todas as outras; alguns inconvenientes que disso resultarem são incontestavelmente sobrepujados pelas vantagens obtidas.²

De início, através de um discurso recorrente, eram enfatizados os papéis reservados às mulheres: esposa e mãe. Logo em seguida, são desprezadas as ideias libertárias que inspiravam as americanas, porém, tal negação não se dá de maneira vazia ou ignorante, nosso redator deixa claro que não aceitava as influências das “ideias de certa escola americana que pregava a emancipação da mulher”, nem das teorias do *grande Stuart Mill*. Apesar das generalizações, o texto foi concebido por alguém que acompanhava de perto as transformações levadas a cabo no exterior. E se naquele momento ainda não seria possível apropriar-se de tal ideário, num futuro esperançoso de mulheres educadas e instruídas, conjecturava-se que as brasileiras pudessem se aproximar das mesmas autonomias conquistadas ou reivindicadas pelo movimento feminista estadunidense. É claro que nesse novo cenário alguns “inconvenientes” poderiam surgir... Eis o ônus de se desejar uma sociedade tão moderna! Mas tais incômodos certamente seriam sanados pelas vantagens vislumbradas. Portanto, ainda que de maneira parcimoniosa, o autor acabava flertando com as aspirações por liberdade feminina.

História Cultural

² “Reformas necessárias na Instrução Pública”. *O Globo*, 16 de março de 1876, p.1.

Na verdade, as questões do ensino e do magistério femininos sempre viriam à baila nas colunas do *Globo*, fosse através dos editais, do noticiário cotidiano, ou do rodapé do jornal sempre dedicado aos capítulos dos folhetins.

No cenário brasileiro oitocentista, o magistério poderia ser compreendido como a principal via para que as mulheres pudessem adentrar ao mundo público do trabalho. No *Globo*, quando o tema era tratado de maneira restrita ao Brasil, era comum nos depararmos com textos que relacionassem o ofício das professoras a uma série de predicados considerados feminis:

A senhora tem mil qualidades superiores ao homem para o magistério, mui principalmente para lidar com crianças até 12 anos de idade, dotadas de mais paciência, graça, penetração e bondade conseguem prender mais a atenção dos meninos, amenizar a exposição e entretê-las de maneira que aproveitem mais com os meios brandos e suaves.³

Por outro lado, apesar de o magistério ser associado a características ditas maternas, já era possível observar também certa preocupação em torno da formação dessas mulheres. E, se a orientação formal tornava-se necessária, talvez isso pudesse significar que o “ponto pacífico” a respeito da inata aptidão das mulheres ao ensino estaria começando a ganhar vozes dissidentes. Era preciso ensinar a ensinar.

[...] Além do mais, seria preciso habilitar [as] professoras, isto é, normalizá-las, da mesma forma por que estamos procedendo com os professores.

Estará a economia na possibilidade de serem os vencimentos das professoras menores que os dos professores?

Se a questão é essa, questão de barato, então tudo estará feito, sem necessidade de inovação, procurando professores *baratos* e deixando por eles os normalistas, que são mais caros.⁴

Além disso, distante das normatizações e dos muros escolares, outra realidade educacional afirmava-se. A página de anúncios do *Globo* vivia recheada de professores e, principalmente, de professoras oferecendo seus serviços ao mesmo tempo em que eram procuradas por interessados em tomar aulas particulares.

³ “Reformas necessárias”. *O Globo*, 18 de fevereiro de 1876, p.1.

⁴ “Mala de S. Paulo”. *O Globo*, 3 de março de 1876, p.1.

Professora: uma senhora habilitada, deseja encontrar colégio ou casa de família onde possa exercer magistério. M.G.V.⁵

Lições de piano: uma senhora às dá em casas particulares; trata-se na Rua do Conde do Bonfim, nº 56, Andaraí Pequeno.⁶

PROFESSORA: Precisa-se para uma fazenda em serra acima, de uma senhora professora que saiba lecionar português, francês, geografia, música e todos os trabalhos d'agulha, e cujas habilitações e moralidade sejam atestadas por pessoa da maior confiança; trata-se à Rua Primeiro de Março, nº 47, 1º andar.⁷

Moralidade. Predicado importantíssimo a essas influentes profissionais que tinham contato tão próximo com as crianças em idade escolar. Recorrendo-se a mais uma citação, eis um “pai de família”, para lá de insatisfeito com o palavreado utilizado por uma professora em um colégio para meninas:

Colégio Santa Margarida: Roga-se a Exma. Diretora deste colégio o obséquio de coibir uma professora que a substitui, de repreender as meninas com palavras menos próprias da melindrosa posição que ocupa. Se S. Ex. não tomar medidas, continuaremos.

Um pai de família.⁸

No mesmo sentido, no interior do *Globo* também nos deparamos com vários textos que questionavam a origem das professoras e diretoras que atuavam nos colégios, especialmente no caso das estrangeiras, tão comuns ao cotidiano escolar da Corte e, na maioria das vezes, acusadas de despreparo e falta de vocação para o ofício. A suposta permissividade dessas profissionais era a principal crítica levantada pelo jornal que, frequentemente, as acusava de influenciar negativamente as jovens brasileiras com romances imorais, trazidos por elas a tiracolo:

Reformas necessárias na instrução pública

A mocidade brasileira carece ser educada, isso deve ser feito não nos colégios e nas instituições de instrução, mas em casa, no seio das famílias, com os conselhos prudentes e os exemplos práticos, evitando-se o mais possível o contato com os escravos e criados, **a leitura de maus livros e mui principalmente dessa quantidade de romances franceses da escola realista, cheios da primeira à derradeira página**

⁵ *O Globo*, 16 de fevereiro de 1876, p.4.

⁶ *O Globo*, 5 de junho de 1876, p.4.

⁷ *O Globo*, 16 de maio de 1876, p.4.

⁸ *O Globo*, 5 de fevereiro de 1876, p.3.

de cenas imorais, onde são sempre ridicularizados os mais elevados sentimentos e as mais nobres virtudes. [...] ⁹

Portanto, além das preocupações em torno do ofício e do aprendizado feminino, no *Globo* também observávamos certa inquietação a respeito do conteúdo daquilo que era transmitido pelas professoras. Nesse sentido, evidencia-se a questão do desprezo por um conteúdo literário, de origem francesa, dito amoral e pertencente aos teores de certa escola realista e que despertava o interesse das jovens brasileiras.

Em diálogo com todo esse noticiário, na mesma época, o rodapé do *Globo* era habitado por uma jovem protagonista machadiana, Helena, que também dava título ao folhetim em questão. Conforme sabemos, a expensas do pai adotivo, o conselheiro Vale, a menina teve a oportunidade de frequentar os melhores colégios de Botafogo, onde recebeu os ensinamentos necessários ao convívio na distinta sociedade que ela iria adentrar:

Era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, - não humilde, mas digna, - conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis.¹⁰

O caso da personagem ilustra muito bem os pressupostos da educação reservada às mulheres que viviam em meios mais abastados. Além da instrução formal, que demonstrava certa civilidade, era indispensável ter conhecimentos sobre trabalhos manuais, música, desenho, além das “prendas de salão” que tornavam tais criaturas ainda mais graciosas aos seus admiradores.

No entanto, seria um equívoco supor que as curiosidades da jovem se limitavam às civilidades e aos ornamentos. Em certo episódio bastante conhecido, quando Helena desejava forçar o irmão Estácio a acompanhá-la num passeio a cavalo, o subterfúgio utilizado seria o de um suposto “furto” que ela cometera na biblioteca do irmão durante a sua ausência. Acompanhemos:

— Pensa que gastei toda a tarde em fazer crochet? perguntou ela ao irmão, caminhando para a sala de jantar.

⁹ Grifo nosso. *O Globo*, 18 de março de 1876, p.1.

¹⁰ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo IV). *O Globo*, 10 de agosto de 1876.

- Não?
- Não, senhor; fiz um furto.
- Um furto!
- Fui procurar um livro na sua estante.
- E que livro foi?
- Um romance.
- Paulo e Virgínia?
- Manon Lescaut.
- Oh! exclamou Estácio. Esse livro...
- Esquisito, não é? Quando percebi que o era, fechei-o e lá o pus outra vez.
- Não é livro para moças solteiras...
- Não creio mesmo que seja para moças casadas, replicou Helena rindo e sentando-se à mesa. Em todo o caso, li apenas algumas páginas. Depois abri um livro de geometria... e confesso que tive um desejo...
- Imagino! interrompeu D. Úrsula.
- O desejo de aprender a montar a cavalo, concluiu Helena.¹¹

Para referir-se à incursão na biblioteca de Estácio, Helena se utiliza do subterfúgio da busca por um determinado romance. Com a curiosidade aguçada, Estácio arrisca o mais açucarado dos palpites: “*Paulo e Virgínia?*”. De pronto, Helena trata de corrigi-lo: “*Manon Lescaut*”. A escolha causaria grande susto às expectativas do rapaz. Após a surpresa, viria a repreensão: não era um livro para moças solteiras. Tarde demais! Helena já havia lido algumas páginas e acrescentaria ao diagnóstico do irmão que não recomendava o livro nem mesmo para as casadas. Por fim, o diálogo converge para ao estudo de geometria que daria cabo a travessura da menina.

Manon Lescaut conta a história de uma paixão irresistível entre um jovem rico, de caráter fraco, e uma mocinha libertina, sedutora, completamente amoral. Des Grieux contava apenas dezessete anos quando conheceu Manon Lescaut, cuja família a havia enviado para um convento a fim de moderar suas tendências para os prazeres mundanos. Fogem e apaixonam-se perdidamente, era só o começo da ruína do Cavaleiro des Grieux. Manon era voluntariosa, afeita aos luxos que o namorado fazia o impossível para bancar. O dinheiro começava a escassear e a degradação seria inevitável. Des Grieux chega a admitir que Manon se amiasse a um velho rico, enquanto, habitando a mesma casa, se

¹¹ ASSIS, Machado de. *Helena*. (Capítulo VI). *O Globo*, 12 de agosto de 1876.

passava por irmão da jovem. Depois de outras farsas e delitos, ambos são condenados ao degredo na América do Norte, onde Manon morreria. Des Grieux retorna à Europa, onde o irmão o esperava sozinho, visto que o pai dos rapazes havia morrido de desgosto. A relação com Manon fora devastadora para Des Griuex e, ao final de tudo, restava apenas um imenso sentimento de culpa, insuportável ao amante.

A escolha de Helena sugere algumas pistas sobre a ambivalência da personagem. A ação do diálogo entre os irmãos se baseia no rompimento da adequação da menina àquilo que seria esperado e desejado por Estácio. Helena demonstra pouco interesse pelas infelicidades de *Paulo e Virgínia*, sobre as quais não esboça nenhum comentário. No entanto, a partir de um brevíssimo exame de *Manon Lescaut* seria possível decretar - aos risos - que não se tratava de um livro recomendável às moças, fossem elas solteiras ou casadas. Ora, até parece que a leitura não havia sido tão breve assim? Provavelmente não fora. Contudo, o teatro do recuo diante de *Manon* era inevitável. A par das expectativas lineares do irmão, Helena precisava demonstrar uma cândida timidez diante do teor lascivo da obra. Ou seja, ela sabia o que era esperado de uma mulher em sua posição social, muito bem educada e íntegra em sua moralidade, por isso, a personagem atua conforme o papel que lhe fora reservado. Porém, ainda que não fosse essencial às intenções do passeio a cavalo, o flerte de Helena com a obra de Prévost seria exposto por Machado de Assis que, certamente, contava com a atenta interpretação de suas leitoras no desvendamento dos quiproquós envolvidos.

Se levarmos em conta que Machado se movimentava em um terreno de leituras reconhecíveis ao público, tais observações se tornam ainda mais aceitáveis. O autor pressupõe um repertório comum a personagens-leitores e leitores reais imaginados. Trata-se de uma espécie de “pacto literário” baseado em um imaginário compartilhado que tornaria suas referências inteligíveis e acessíveis aos seus contemporâneos. Nesse sentido, o episódio do flerte de Helena com a leitura de *Manon Lescaut*, ganha ares mais verossímeis quando relacionado aos textos veiculados no periódico, cujas discussões abordavam a disseminação dos “imorais romances franceses” entre as jovens brasileiras. A partir desse mecanismo narrativo, Machado parecia estreitar a relação entre personagem e leitoras, sendo que a identificação poderia vir como consequência.

Identificando essas ressonâncias entre imprensa e literatura, ao longo de nosso trabalho, buscamos compreender alguns aspectos que rondaram a experiência de leitura do público que acompanhava o folhetim em 1876. Evidentemente, ao tratar de práticas de

leitura, estamos transitando por um campo cheio de imprecisões, onde a individualidade impera. Porém, pensando nas inter-relações discursivas entre o periódico e a literatura em voga, cogitamos a possibilidade do estabelecimento de uma relação de empatia entre as leitoras do jornal/folhetim e a protagonista da trama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras literárias:

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962.

ASSIS, Machado de. *Helena*. (2ª edição). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977.

PRÉVOST. *Manon Lescaut*. (Tradução: Casimiro L. M. Fernandes). Rio de Janeiro: Ediouro, [sem ano].

Periódicos

O Globo (Rio de Janeiro, 1874-1876).

Sites

<http://www.bn.br>

<http://www.brasiliana.usp.br>

<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>

<http://www.hemerotecadigital.bn.br>

Bibliografia

ABREU, Zina. “Lutas das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.” *Revista Arquipélago - História*, 2ª série, (volume VI), ano: 2002, p.443 - 469. Portugal: Universidade dos Açores.

ALMEIDA, Jane Soares de. “O movimento missionário e educacional protestante na segunda metade do século XIX: para cada igreja uma escola.” *Educar*, nº 20, p. 185-207, 2002. Curitiba-PR: Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

AUGUSTI, Valéria. “Do gosto inculto à apreciação douta: a consagração do romance no Brasil do oitocentos.” In: ABREU, Márcia (org.). *Trajelórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2008, pp.393-414.

BRAYNER, Sônia. “Helena ou na Transversal do Tempo.” *Travessia*. Florianópolis-SC: UFSC, 1989.

CANO, Jefferson. *O fardo dos homens de letras: o orbe literário e a construção do Império Brasileiro*. (Tese de Doutorado em História). Campinas-SP: IFCH/UNICAMP, 2001.

CANO, Jefferson. “Machado, além do romantismo.” *Jornal da Unicamp*. Campinas-SP, 25 a 31 de agosto de 2008 – ANOXXII – nº406.

CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo (org.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. (Tradução: Cristiane Nascimento). São Paulo: Estação Liberdade, (2ª edição), 2001.

COHN, Dorrit. *The Distinction of Fiction*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Nankin/EDUSP, 2009.

DIXON, Paul. “Modelos em movimento: os contos de Machado de Assis.” *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, n.6/7. Programa de Pós Graduação da Área de Literatura Brasileira-USP. São Paulo: Editora 34; Imprensa Oficial, 2006.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (direção). *História das Mulheres no Ocidente: o Século XIX*. Volume 4. (Tradução: Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves). Porto: Afrontamento, [1991].

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício*. (Tradução: Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. (2ª edição). São Paulo: Nankin: Edusp: 2012.

HAHNER, June E. *A Mulher no Brasil*. (Tradução: Eduardo F. Alves). RJ: Civilização Brasileira, 1978.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940)*. (Tradução: Eliane Lisboa). Florianópolis-SC: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HAHNER, June E. "Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX." *Estudos Feministas*, Florianópolis-SC, 19 (2): 467-474, maio-agosto/2011.

ISENBERG, Nancy. *Sex and citizenship in Antebellum America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1998.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LISBOA, Maria Manuel. *Machado de Assis and feminism: re-reading the heart of companion*. Lewiston, NY: The Edwin Mellen Press, Ltd, 1996.

MANÇANO, Regiane. *Livros à venda: presença de Romances em anúncios de jornais*. (Dissertação de Mestrado em Teoria e História Literária). Campinas-SP: IEL/UNICAMP, 2010.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. (2ª edição). São Paulo: Edusp, 2001.

MOREIRA, Tânia. "Lágrimas ou suspiros: a heroína romântica entre o domínio masculino e a emancipação feminina. Uma leitura comparada de *Carlota Ângela* (1858) de Camilo Castelo Branco e *Helena* (1876) de Machado de Assis." *Revista Machado de Assis em linha*, ano 2, nº 3/junho/2009.

NEWMAN, Louise Michelle. *White women's rights: the racial origins of feminism in the United States*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. (Tradução: Viviane Ribeiro). Bauru-SP: EDUSC, 2005 [1998].

RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. (2ª edição). Rio de Janeiro: Forense Universitária: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Rio de Janeiro: Vozes, (2ª edição), 1976.

SALVAIA, Priscila. *Diálogos possíveis: o folhetim Helena (1876), de Machado de Assis, no jornal O Globo*. (Dissertação de Mestrado em Teoria e História Literária). Campinas-SP: IEL/UNICAMP, 2014.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas cidades, (5ª edição), 2000.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica." *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16 (2), jul/ dez, 1990 [1986].

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. (Tese de Doutorado em Teoria e História Literária). Campinas-SP: IEL/UNICAMP, 2007.

